

MORFOLOGIA E SEMÂNTICA DOS SUFIXOS DIMINUTIVOS PORTUGUESES EM GRAMÁTICAS DA LÍNGUA PORTUGUESA DOS SÉCULOS XVI, XVIII E XIX

Messias dos Santos SANTANA¹
(Universidade Estadual do Piauí / Universidade de São Paulo)

Resumo: *Estudos sincrônicos sobre o sufixo diminutivo em língua portuguesa listam um grande número desses sufixos nessa língua. Poucos são, no entanto, os estudos sobre esse tema em perspectiva diacrônica. Desse modo, este estudo oferece uma contribuição ao estudo diacrônico dos sufixos diminutivos em português, analisando a abordagem dada a esse tema em gramáticas da língua portuguesa produzidas entre os séculos XVI, XVIII e XIX.*

Palavras-chave: *Gramática da Língua Portuguesa, Historiografia da Língua Portuguesa, Morfologia Histórica, Sufixo Diminutivo.*

INTRODUÇÃO

Estudos na perspectiva da historiografia linguística tem mostrado que a construção do pensamento linguístico não é obra de um tempo ou de um só autor. Em outras palavras, é o mesmo que dizer que ao longo dos séculos – no ocidente, por exemplo, já desde os gregos em período anterior a Cristo – várias pessoas refletiram sobre a linguagem e sobre as línguas, ora discutindo temas comuns, ora diversos, mas sempre em busca de respostas para os problemas postos naquele momento, mesmo que estes tivessem origem anterior.

E é tendo isso em vista que Robins (1979) afirma que os estudos sobre a linguagem ao longo do tempo constituíram-se a partir do que a geração seguinte sabia acerca de investigações sobre linguagem realizadas pela anterior e a partir do que ela mesma conseguiu produzir. Em suas palavras, ele diz:

[...] Os resultados práticos e teóricos da lingüística grega foram levados a Roma [...]; de Roma passaram por meio dos últimos gramáticos latinos à Idade Média e daí se transferiram durante e após o Renascimento para o mundo moderno, juntamente com importantes contribuições provenientes de fora da Europa. Em nenhum momento existe ruptura que signifique descontinuidade na tradição lingüística européia. Com freqüência encontramos mudanças de teoria, objetivos, métodos e conceitos [...] porém cada geração de lingüistas tem à sua disposição certo conhecimento a respeito da vida e obra de seus predecessores (ROBINS, 1979: 5).

1 Mestre em Letras pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP), sob a orientação do Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro. Professor Assistente I da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). E-mail: messiasdsantana@bol.com.br.

Morfologia e semântica dos sufixos diminutivos portugueses em gramáticas da língua portuguesa dos séculos XVI, XVIII e XIX

Assim, quando analisamos as descrições que têm sido feitas ao longo do tempo acerca do sufixo diminutivo em português, chegamos à conclusão de que é perfeitamente aplicável a esse tema o que Lyons (1979: 3) diz sobre os avanços da Linguística: “[...] muitas obras recentes sobre a Linguística, ao exporem os grandes progressos feitos na investigação científica da língua nestas últimas décadas, têm deixado de dar ênfase à continuidade da teoria lingüística ocidental desde os tempos mais antigos até hoje”, pois “A Linguística [...] [se] constrói sobre o passado; e assim o faz não somente desafiando doutrinas tradicionais, mas também desenvolvendo-as e reformulando-as” (LYONS, 1979: 3).

Considerando, portanto, o avanço do conhecimento dessa maneira, isto é, como um contínuo processo de retomadas e inovações, este estudo propõe investigar o tema sufixo diminutivo em língua portuguesa, através da análise de diferentes abordagens que lhe foram dadas entre os séculos XVI, XVIII e XIX.

1. O ESTADO ATUAL DA QUESTÃO: O SUFIXO DIMINUTIVO NAS DESCRIÇÕES SINCRÔNICAS

Ao estudar os sufixos diminutivos no português atual, sempre encontramos referências ao fato de que o sufixo *-inho* é o mais empregado na formação de palavras para indicar as significações que esse tipo de sufixo expressa. Basílio (2004/2011: 71), por exemplo, diz: “O principal elemento formador de diminutivo é o sufixo *-inho*. Outros elementos formadores citados em gramáticas existem em formas feitas mas raramente são usadas em novas formações”. Antes dela, Rio-Torto (1993: 572, destaque da autora) já destacara esse fato, afirmando que

Dos diferentes sufixos com esta configuração, -inh- DIM/ATEN [Diminutivo/Atenuativo] é, incontestavelmente, o instrumento derivacional da RFP AVAL [Regra de Formação de Palavras Avaliativas] que goza da maior vitalidade e generalidade de uso, caracterizando-se por uma produtividade quase ilimitada.

Nem Basílio nem Rio-Torto, no entanto, apresentam em suas investigações teóricas informações acerca do que já foi descrito sobre o sufixo diminutivo ao longo da história da língua portuguesa, sobretudo no âmbito das gramáticas da língua portuguesa, as quais já vêm sendo produzidas a quase meio milênio. Desse modo, o que se encontra, tanto em um quanto outro estudo, é, sobretudo, uma descrição de cunho sincrônico de grande importância, mas que, ao mesmo tempo, não permite conhecer como o sufixo diminutivo foi descrito e, por consequência, como atuou ao longo da história do português.

Ao mesmo tempo, ao consultar-se uma gramática normativa da língua portuguesa – como a de Cunha e Cintra (1985/2001) – encontra-se uma lista de sufixos diminutivos que inclui aproximadamente duas dezenas desses sufixos, muitas vezes dando-se a entender que todos eles possuem a mesma produtividade e/ou significados no estágio atual da língua portuguesa.

Messias dos Santos Santana

Diante desses dois fatos, é possível concluir pela existência de uma lacuna na descrição dos sufixos diminutivos portugueses, justamente porque muito se tem feito sobre esse tema em perspectiva sincrônica, mas muito pouco em perspectiva diacrônica. Desse modo, ainda precisam ser respondidos questionamentos como: 1) quais sufixos diminutivos são empregados desde a origem da língua portuguesa?; 2) como eles têm sido descritos do ponto de vista formal e semântico pelos que se dedicaram a pensar sobre essa língua, desde as primeiras reflexões?.

Uma maneira de responder a esses questionamentos é recorrendo à análise de instrumentos linguísticos (gramáticas, dicionários etc.) produzidos ao longo da história da língua portuguesa. Este estudo, por exemplo, na tentativa de contribuir para a superação dessa lacuna, buscará analisar abordagens acerca dos sufixos diminutivos em gramáticas da língua portuguesa, desde a primeira, a de Fernão de Oliveira (1536), até a de Júlio Ribeiro, publicada no século XIX, as quais se constituíram referências, a saber: OLIVEIRA, 1536/1975; BARROS, 1540; REIS LOBATO, 1721/1770; FONSECA, 1799; BARBOSA, 1822/1830; RIBEIRO, 1881.

2. O SUFIXO DIMINUTIVO NA DESCRIÇÃO GRAMATICAL DE LÍNGUA PORTUGUESA: UM PERCURSO DO SÉCULO XVI AO XIX

O sufixo diminutivo português já é objeto de descrição em gramáticas da língua portuguesa desde a primeira gramática, a de Fernão de Oliveira, sendo continuamente retomado, e as informações ampliadas nas gramáticas que surgem a partir desse momento.

Tendo em vista isso, nas páginas que se seguem põe-se em revisão a abordagem dada ao sufixo diminutivo em diferentes gramáticas da língua portuguesa – um total de seis gramáticas – que foram produzidas entre os séculos XVI, XVIII e XIX, analisando as informações que elas apresentam sobre a descrição desse sufixo, com o foco para os valores semânticos e características formais destacados, bem como procurando identificar os sufixos que ao longo da história do português desempenharam a função de diminutivo, quando, também, buscar-se-á(ão) identificar o(s) sufixo(s) mais empregado(s) para desempenhar essa função.

2.1. O sufixo diminutivo em Fernão de Oliveira

Em sua *Gramática da Linguagem Portuguesa* (1536/1975), Fernão de Oliveira traz uma breve abordagem acerca do sufixo diminutivo em português, a qual foi feita no contexto em que o autor trata da origem das palavras, discutindo como elas se formam e declinam-se. Quanto à sua formação, o autor distingue as palavras que dão origem a outras e as que se originam a partir de outras:

*As dicções que chamamos **primeiras** chamam os Latinos **primitivas**. Estas são cujo nascimento não procede doutra parte mais que da vontade livre daquele que as primeiro pôs, como **manta**, **cadeira**, e **matula** e **candeeiro**, ainda que **candeeiro**, algum a quem parecera que voa muito, pode dizer que vem de*

Morfologia e semântica dos sufixos diminutivos portugueses em gramáticas da língua portuguesa dos séculos XVI, XVIII E XIX

candeo, candes, verbo latino, que quer dizer resplandecer, porque o candeeiro resplandece [...].

As dicções tiradas, a que os Latinos chamam derivadas, são cujos nascimentos vêm de outras algumas dicções donde estas são tiradas, como tinteiro, velhice e honrada; tiramos ou formamos umas dicções de outras para abastecer e fazer copiosa a nossa língua e para que nos não faltem vocábulos nas coisas [...]. (OLIVEIRA, 1536/1975: 99-100, destaques do autor).

Em relação ao sufixo diminutivo e às palavras que surgem com o acréscimo deles, Fernão de Oliveira tem uma análise de certo modo ambígua, uma vez que ora dá a entender que essas palavras podem ser consideradas como derivadas, como neste trecho:

E mais saberemos que não todas as espécies das dicções tiradas são assim livres para poderem andar para onde quiserem, porque os participios e os nomes diminutivos e aumentativos e alguns outros, ainda que não em tudo, não se tiram, mas formam-se, guardando certas regras [...] (OLIVEIRA, 1536/1975: 104, destaque nosso).

Ora as considera como palavras não derivadas:

*Ainda, porém, que estes não são derivados, também podemos dizer que é regra geral que os nomes verbais femininos acabem em **ão**, como **lição** e **oração**, e os masculinos acabem em **or**, como **regedor** e **governador**, e os diminutivos em **inho** e **inha**, como **mocinho** e **mocinha**, e os aumentativos em **az** e **ão** (OLIVEIRA, 1536/1975: 108, destaques do autor).*

Observe, ainda, a partir da análise desses dois trechos, que o autor não apresenta o conceito de sufixo diminutivo, mas cita exemplos de palavras com esse sufixo, para o que ele recorre a formações com o sufixo *-inho/-inha*. Como o próprio autor destaca, essa terminação é empregada em *regra geral*, podendo concluir-se que existem outras empregadas em menor frequência. Além disso, como a gramática de Fernão de Oliveira foi elaborada a partir da observação da fala daqueles que conservam os bons costumes da língua portuguesa², não se pode afirmar com certeza se essa terminação tem as mesmas características nas demais variedades do português da época.

2 A Gramática de Fernão de Oliveira é elaborada a partir da observação dos bons costumes dos que mais sabem (cf. 1536/1975: 38), os nobres, como os nobres de cujo filho Fernão de Oliveira era preceptor e a quem foi dedicada a obra, D. Fernão de Almada, filho de D. Antão.

Messias dos Santos Santana

2.2. João de Barros e sua contribuição ao estudo do sufixo diminutivo em português na Grammatica da lingua portuguesa

João de Barros, por sua vez, considera o diminutivo como uma *especia do nome*, a qual é apontada como um dos acidentes (isto é, características) do nome³. *Especia*, para este autor, é

[...] hũa diuisam per que apartamos o nome diriuádo do primitiuo ou primeiro gerádo. Primitiuo nome chamamos, aquelle que foy primeiro, sem auer hy outro donde nacesse ou se deriuasse: assy como, Cidadê, Corte, Casa. Nome diriuádo se chama, Cidadã, Cortesam, Caseiro, os quaes se deriuam dos tres acima (BARROS, 1540: 7).

Desse modo, as palavras formadas com o uso do sufixo diminutivo são chamadas de derivadas: “E destes nomes diriuádostemos (sic) oito diferenças. Patronymicos, Possessiuos, *Diminutiuos*, Aumentatiuos, Comparatiuos, Denominatiuos, Verbáes, Auërbiáes.” (BARROS, 1540: 7, destaque nosso).

Diferentemente de Fernão de Oliveira (1536/1975), João de Barros apresenta um conceito para o que entende por formações diminutivas. Referindo-se ao nome, assim diz o autor:

NOME Diminutiuo, e aquelle que tem algũa diminuiçam do nome principal donde se deriuou: como de hómẽ, homenzinbo, de molher, molberzinba, de moço, mocinbo: de criança, criançinba. E outros muitos que se fórmam e acabam em diferentes terminações: mais per uontade do pouo que por regra de bõa Grammatica. (BARROS, 1540: 7).

Sua abordagem, no entanto, não se restringiu à descrição dos diminutivos nos nomes, mas estendeu-se, também, aos verbos, a respeito dos quais afirma: “*Diminutiuos seram aquelles que significam algũa mais diminuiçam que os seus primitivos: como, de chorar, choromigar, de bater, batocár*”. (BARROS, 1540: 19).

A partir do exposto acima, é possível resumir, assim, a abordagem dada por João de Barros aos sufixos diminutivos: *a)* o nome diminutivo indica uma diminuição de tamanho, e o verbo diminutivo, uma diminuição de natureza não determinada; *b)* com o diminutivo forma-se uma palavra, a partir de outra – é um processo de derivação; *c)* as terminações *inbo* e *inba* são aquelas empregadas pelos que fazem o bom uso da língua – formações baseadas em regras de boa gramática –, já que, em seguida, o autor indica *d)* há outros nomes diminutivos que são formados por outras construções que não *inbo* e *inba*, mas que são de uso do povo e, portanto, não pertencentes à boa gramática, isto é, aos usos baseados nos bons costumes.

3 Outros acidentes do nome indicados por Barros (1540: 5) são: qualidade, figura, gênero, número e declinação.

Morfologia e semântica dos sufixos diminutivos portugueses em gramáticas da língua portuguesa dos séculos XVI, XVIII E XIX

Contrastando o que dizem Fernão de Oliveira e João de Barros quanto a esse tema, verifica-se que a gramática deste último é mais rica de informações sobre o sufixo diminutivo, mas muito ainda será acrescentado no decorrer dos séculos vindouros.

2.3. O sufixo diminutivo na *Arte da Grammatica da Lingua Portugueza*, de Antônio José dos Reis Lobato

Outra gramática que oferece uma descrição dos sufixos diminutivos em língua portuguesa é a *Arte da Grammatica da Lingua Portugueza* (1721/1770), de Reis Lobato. Nela encontramos quase que as mesmas ideias postas em João de Barros – à exceção da referência aos verbos diminutivos, os quais não são contemplados nesta gramática e são na de João de Barros.

Assim, considera o autor que o uso do diminutivo é um recurso para formar novas palavras, indicando a diminuição do que a palavra primitiva significa, conforme a seguir:

*Substantivo Diminutivo he aquelle, que significa com diminuição o mesmo, que o nome primitivo, de que se deriva: como n.g. o Substantivo **Livrinho**, que significa com diminuição o mesmo, que significa o nome **Livro**, donde elle traz a sua origem, porque quer dizer livro pequeno. A nossa lingua tem grande copia de diminutivos, que lhe dão muita graça, e delicadeza. (REIS LOBATO, 1721/1770: 11, destaques do autor).*

Quanto à exemplificação, assim como já o fizeram Fernão de Oliveira e João de Barros, Reis Lobato só apresenta exemplos de substantivos diminutivos formados com o sufixo *-inho*, com a significação de tamanho pequeno. Tal fato pode, novamente, fazer-nos interpretar que esse sufixo é o mais empregado em língua portuguesa, na formação de palavras com significado diminutivo.

2.4. Contribuições de Pedro José da Fonseca ao estudo do sufixo diminutivo português: um olho no passado e outro no presente

Com Pedro José da Fonseca, em *Rudimentos da Grammatica Portugueza* (1799), pode dizer-se que começa uma nova postura com relação à descrição dos sufixos diminutivos em língua portuguesa, por diversos motivos, que serão detalhados a seguir. Antes, no entanto, exporemos o que o autor apresenta, mas que já pode ser encontrado em autores anteriores.

Assim como João de Barros e Reis Lobato, nas respectivas obras indicadas, Pedro José da Fonseca considera o uso do diminutivo um recurso para a obtenção de novas palavras, cujos significados estarão diminuídos em relação à palavra primitiva:

Messias dos Santos Santana

*Diminutivos são aqueles nomes, que com diferente terminação dos seus primitivos lhes diminuem o significado; como: **homemzinho**, derivado de *homem*; **mulherinha**, ou **mulherzinha**, de *mulher*; **filhinho**, e **filhinha**, de *filho*, e *filha*. Exemplo: **Dos leõeszinbos se formão os leões, dos Tigresinbos os Tigres [...]**. (FONSECA, 1799: 25, destaques do autor).*

Ainda no plano da semelhança na descrição do diminutivo, é importante destacar que Pedro José da Fonseca é conhecedor da descrição dos sufixos diminutivos que João de Barros realiza em sua *Grammatica*, a qual é, inclusive, citada por ele: “Os *diminutivos* tem varias terminações, de sorte que segundo diz Joao de Barros, (2) muitos delles se formão, e acabão mais por vontade do povo, que por alguma regra de boa Grammatica.” (FONSECA, 1799:25, destaque do autor). Uma vez que não há, quanto a este ponto, nenhuma argumentação contrária a essa descrição feita por João de Barros, será admitido também, neste estudo, que Pedro José da Fonseca aceita – como faz o autor por ele citado – que as terminações *inbo* e *inba* são aquelas empregadas pelos que fazem o bom uso da língua – formações baseadas na gramática –, enquanto que as demais terminações, que são de uso popular, não são usadas pelos que dominam o bom uso da língua.

As diferenças, por sua vez, com relação aos autores até aqui analisados, acentuam-se em diversos pontos, a começar pelo fato de que este autor deixa explícito que a diminuição que se realiza em relação à significação da palavra primitiva não se restringe ao aspecto espacial ou tamanho do ser, sendo o sufixo diminutivo também empregado para indicar diminuição de qualidade, assim como carinho ou desprezo: “Delles [os diminutivos] se usa para indicar diminuição na quantidade, ou qualidade do sugeito, de que se trata. Tambem servem para exprimir o carinho, ou a idéa do desprezo, que por seu meio se quer excitar” (FONSECA, 1799: 25). A admissão desses novos valores semânticos pode ter ocorrido em virtude de o autor também indicar que os diminutivos podem ser acrescentados aos adjetivos (FONSECA, 1799: 25-26).

Outro ponto de destaque na descrição dos diminutivos oferecida por este autor está no fato de que ele não se limita a dizer que “Os *diminutivos* tem varias terminações” (p.25, destaque do autor), como o faz João de Barros, mas indica quais são essas terminações, entre as quais *-inbo/-inba* é apontada como a mais produtiva:

*Mas assim mesmo a terminação mais ordinaria para o masculino dos substantivos, e adjectivos, he em **inho**, e para o feminino em **inha**. Alguns pelo dito modo a tem em **ete**, e **eta**, como: **doudete**, **escudete**, **mocete**, **pannete**, **pequenete**, **pistolete**, **pobrete**, &c., ou tambem: **ilheta**, **moceta**, **villeta**, &c.*

*Os adjectivos a tem ás vezes em **ino**, como: **pequenino**, **tamanino**, &c.: os substantivos masculinos em **ote**, ou **oto**, como: **bacorote**, **camarote**, **perdigoto**, &c., e os femininos em **agem**, **ilha**, e **ota**, como: **villagem**, **camilha**, **galeota**, &c. (FONSECA, 1799: 25-26, destaques do autor).*

Morfologia e semântica dos sufixos diminutivos portugueses em gramáticas da língua portuguesa dos séculos XVI, XVIII E XIX

Esta é, portanto, a descrição mais avançada sobre os sufixos diminutivos em língua portuguesa até o momento, a qual será encontrada, em muitos aspectos, nas descrições posteriores.

2.5. O sufixo diminutivo em Jerônimo Soares Barbosa

Um fato que há de novo na descrição que Jerônimo Soares Barbosa faz dos sufixos diminutivos portugueses em relação à proposta de Pedro José da Fonseca é a referência que aquele autor faz ao contexto comunicativo em que eles são empregados, como quando diz: “Quanto ao uso destes augmentativos e *diminutivos*, geralmente se pôde dizer que elles se não empregão se não no estylo familiar e chulo, e raras vezes nos discursos graves e serios” (BARBOSA, 1822/1830: 121, destaque nosso).

Outro ponto ainda não abordado explicitamente nos autores até aqui analisados, mas que se encontra neste, é a descrição dos sufixos diminutivos do ponto de vista formal, no que se refere à combinação do sufixo com a palavra ou o radical a que se liga, conforme a seguir:

Os Diminutivos são os que mudando a terminação de seus primitivos, lhes diminuem mais, ou menos a significação. Os que diminuem menos, acabão ordinariamente, os masculinos em ête, óte, ôto, como Doudête, Escudête, Mocête, Panête, Pequenête, Pistolête, Pobrête, Bacorête, Camaróte, Perdígôto: e os femininos, em êta, óta, agem, ilha, como Ilhêta, Mocêta, Villêta, Ilhota, Galeota, Villota, Villagem, Camilha, &c.

Os que diminuem mais, acabão ou em inho, inha, quando os primitivos terminão em vogal ou consoante, como Filhinho, Filhinha, Mulherinha, Rapazinho; ou em zinho, zinha, quando os primitivos terminão em diphthongo, como Homemzinho, Leãozinho, Paizinho, Mãezinha. O z euphônico faz necessário na dirivação destes diminutivos, para evitar o hiato, nascido do concurso de tres vogaes. Porém, quando o mesmo z se emprega sem esta necessidade nos que não acabão em diphthongo; parece fazer sua differença nos mesmos diminutivos, como se vê nestes dois Mulherinha, Mulherzinha (BARBOSA, 1822/1830: 120-121, destaques do autor).

Nos demais pontos, o que o autor apresenta já o encontramos nos *Rudimentos da Grammatica Portuguesa*. Na citação acima, por exemplo, é possível perceber dois pontos em comum entre as descrições de Jerônimo Soares Barbosa e Pedro José da Fonseca: 1) os sufixos diminutivos diminuem a significação da palavra à qual foram acrescentados⁴; 2) a

4 Aqui Jerônimo Soares Barbosa faz uma distinção que ainda não foi feita pelos autores que até aqui citamos, inclusive Pedro José da Fonseca, a qual consiste em um sufixo diminuir mais ou

Messias dos Santos Santana

indicação de outros sufixos diminutivos empregados em língua portuguesa para formar palavras. Um terceiro ponto em que essas duas descrições se equivalem é a indicação de que o diminutivo não significa apenas diminuição no tamanho do ser, mas pode ser empregado com outras significações, tais como desprezo ou carinho:

*Servimos-nos outrossim dos Diminutivos ordinariamente para ridiculizar, como se servio Garcia de Rezende na sua **Miscellanea** contra a extravagancia dos trajos de seu tempo, dizendo a fol. 163 col. 3.*

*Agora vemos **capinhas**, / Muito curtos **pellotinhos**, / **Golpinhos**, e **çapatinhos**, / Fundas pequenas, **mulinhas**, / **Gibõeszinhos**, **barretinhos**, / Estreitas **cobeadinhas**, / Pequenas **nominaszinhas** (?), / **Estreitinhas** guarnições, / E muitas mais invenções; / Pois que tudo são **couzinhas**.⁵*

*Comtudo estes mesmos diminutivos fazem ás vezes hum bom effeito, quando se tracta de objectos de carinho, e se pertende excitar com elles a ternura, e compaixão, do qual uso temos exemplo em Camões **Lusiad**. III, 127.*

*A estas **criancinhas** tem respeito. C. IV. 28. Aos peitos os filbinhos apertarão. (BARBOSA, 1822/1830: 121-122, todos os destaques são do autor).*

Por fim, é comum entre esses dois autores a indicação de que os sufixos diminutivos são empregados para formar novas palavras – o que também já foi feito por João de Barros e Reis Lobato: “Os substantivos communs derivados são, ou *Augmentativos*, ou *Diminutivos*, ou *Collectivos*, ou *Verbaes*, ou *Compostos*. [...]”. (BARBOSA, 1822/1830: 120, destaques do autor).

2.6. A descrição dos sufixos diminutivos portugueses na *Grammatica Portugueza*, de Júlio Ribeiro: um divisor de águas

Assim como já fizera Pedro José da Fonseca, Júlio Ribeiro (1881) apresentará uma descrição muito interessante dos sufixos diminutivos portugueses – sobretudo porque contempla muitos pontos ainda não focalizados –, a qual terá reflexos nas descrições posteriores.

Um primeiro ponto a ser destacado em sua descrição é que o autor não aborda os sufixos diminutivos somente como elementos formadores de novas palavras – como o fazem

menos a significação da palavra à qual se vinculou. Em seu texto não fica claro, contudo, em que consiste cada uma dessas distinções, motivo por que não lhe será dedicada mais atenção neste estudo.

5 Este estilo de disposição é nosso; no original os versos estão dispostos um abaixo do outro. O ponto de interrogação também é nosso, pois esta palavra está com difícil visualização.

Morfologia e semântica dos sufixos diminutivos portugueses em gramáticas da língua portuguesa dos séculos XVI, XVIII E XIX

os autores que até aqui descrevemos. Júlio Ribeiro os considera formadores de palavras por derivação:

Com as palavras existentes consideradas como radicaes (vide 190) formam-se novas palavras por meio de affixos. [...].

*Os affixos prepositivos [os que são colocados antes do radical] chamam-se **prefixos**; os pospositivos [os que são colocados depois do radical] chamam-se **sufixos**. [...].*

*As palavras formadas de outras por meio de affixos chamam-se **derivadas-compostas**.⁶ (RIBEIRO, 1881: 149, destaques do autor).*

*Os suffixos portuguezes são numerosos, uns derivados das fôrmas latinas, outros das fôrmas augmentativas, **diminutivas** e pejorativas do genio da lingua. (RIBEIRO, 1881: 153, destaque nosso).*

Mas os considera também como elementos indicadores do grau dos nomes. “*A flexão nominal gradual* consiste na adição de desinencias augmentativas ou diminutivas aos nomes em grau normal.” (RIBEIRO, 1881: 89, destaques do autor). Inclusive, praticamente toda a abordagem que este autor oferece aos sufixos diminutivos foi feita na seção que trata do grau dos nomes. Na seção que trata da formação das palavras, há apenas a indicação de que existem sufixos diminutivos em português, após o que ele remete para a seção que os analisa como formadores de grau.

Outra preocupação que se encontra na abordagem de Júlio Ribeiro, mas que também já se encontra em Jerônimo Soares Barbosa, está relacionada com a descrição dos sufixos diminutivos do ponto de vista formal, mais especificamente quanto à sua combinação com a palavra ou radical a que se junta. No trecho abaixo, por exemplo, o autor (RIBEIRO, 1881: 90) descreve como são formados os nomes com o acréscimo do sufixo diminutivo a um radical ou a uma palavra:

⁶ Seguindo a tradição latina, o autor considera as palavras formadas com prefixos como palavras compostas.

Messias dos Santos Santana

Para formar o diminutivo

1) Todos os nomes barytonos terminados por voz livre pura deixam cair a vogal que a representa, e assumem uma das desinências acima, ex.:

de **gato** **gatinho**
 » **moça** **mocita**

2) Todos os nomes terminados por voz livre nasal ou por diphthongo, bem como os oxytonos terminados por voz livre pura, inserem um **z** para se incorporarem a desinência, ex.:

de **irmã** **irmãzinha**
 » **pagem** **pagemzinho**
 » **marfim** **marfimzinho**
 » **som** **somzinho**
 » **jejum** **jejumzinho**
 » **pae** **paezinho**
 » **boi** **boizinho**
 » **ladrão** **ladrãozinho**

3) Todos os nomes acabados por voz modificada, isto é, por letra alterante, recebem as desinências sem mais modificação, ex.:

de **colher** **colherinha**
 » **nariz** **narizinho**

Ainda do ponto de vista da forma do sufixo diminutivo, é importante destacar, também, que Júlio Ribeiro (RIBEIRO, 1881: 92) faz referência explícita à sua flexão em gênero, ao afirmar que “A cada desinência gradual masculina corresponde quasi sempre uma desinência feminina”⁷.

Quanto aos sufixos que são empregados com o valor de diminutivos, o autor destaca os principais e os secundários. Com relação aos primeiros diz: “São *desinências diminutivas* principaes *inbo, ito*” (RIBEIRO, 1881: 90). Já os sufixos colocados em posição secundária são em maior número: “São *desinências diminutivas secundarias* *ejo, el, ello, ete, eto, elbo, ico, im, ilho, isco, ola, olo, ote, oto*”, além de *ucho, ato, acho* e *usco*⁸, bem como um diminutivo em *ebre* ‘casebre’ – o autor destaca que essa é a única palavra formada com esse sufixo (RIBEIRO, 1881: 91, destaques do autor).

7 Esta é uma informação que já vem sendo dada nas descrições anteriores, ora com menos ênfase (Fernão de Oliveira e João de Barros) ora com mais ênfase (Pedro José da Fonseca e Jerônimo Soares Barbosa). Mais ênfase significa, aqui, deixar explicitamente indicado que se trata de flexão quanto ao gênero.

8 São exemplos de palavras formadas por esses sufixos, segundo o autor (*op. cit.*: 90-91): de *logar-logarejo, corda-cordel, porta-portello, jogo-joguete, coro-coreto, folha-folhelho, abano-abanico, espada-espadin, brocado-brocadinho, pedra-pedrisco, rapaz-rapazola, bolinho-bolinholo, velho-velhote, perdigão, pico-perdigoto, picoto, aguia-aguilucho, lobo-lobato, lobacho, povo-populacho, rio-riacho, velho-velhusco*.

Morfologia e semântica dos sufixos diminutivos portugueses em gramáticas da língua portuguesa dos séculos XVI, XVIII E XIX

Neste ponto, ressaltamos a presença do sufixo *ito* ao lado de *inho* como os mais produtivos, enquanto que os autores já aqui analisados apontam apenas o sufixo *inho* nessa posição. Também é importante chamar a atenção para a ampliação no número de sufixos apontados pelo autor como desempenhando essa função, pois enquanto Pedro José da Fonseca e Jerônimo Soares Barbosa apontam, além de *inho* e suas variações, apenas os sufixos *ete*, *eta*, *ote*, *oto*, *agem*, *ilha*, *ota* e *ino* (este foi apontado apenas pelo primeiro autor), Júlio Ribeiro indica, além destes, os sufixos *ejo*, *el*, *ello*, *eto*, *elbo*, *ico*, *im*, *ilho*, *isco*, *ola*, *olo*, *ucho*, *ato*, *acho*, *usco* e *ebre*. São, portanto, 16 (dezesseis) sufixos a mais identificados pelo autor para desempenhar essa função.

Outros pontos que também chamam a atenção na descrição de Júlio Ribeiro, pelo seu ineditismo, são: a) a identificação de sufixos diminutivos eruditos: “Ha ainda [...] diminutivos eruditos em *culo*, *olo*, *ulo*, ex.: «*Corpusculo* — *homunculo* — *capreolo* — *nucleolo* — *globulo* — *granulo*” (p.91, destaques do autor); b) a existência do que o autor chama de diminutivos caseiros – hoje chamados de hipocorísticos – formados a partir de nomes próprios, tais como nas palavras João-Joãozinho, Pedro-Pedrinho, Anna-Nicota, Francisco-Chico, Chiquinho, etc., José-Juca, Juquinha, etc., Luiz-Lulu, Maria-Maricas, Maricota, etc.⁹. (cf. RIBEIRO, 1881: 92); c) a identificação de valor superlativo no sufixo diminutivo: “A fôrma diminutiva tem por vezes força de superlativo, quer no sentido physico, quer no moral, ex.: «*Vacca chegadinha a parir*, isto é, *muito chegada* — *Um pobrezinho*, isto é, *um homem muito pobre*” (RIBEIRO, 1881: 93, destaques do autor); d) o acúmulo de sufixos do tipo diminutivo-aumentativo-diminutivo, o que, segundo o autor, é um mecanismo que traz muitas dificuldades para os que não têm o português como língua materna:

*A facilidade de flexão gradual é um dos elementos da vida energica e da mobilidade graciosa da lingua portugueza: tambem o emprego acertado dessas fôrmas, tão maravilhosamente cambiantes, é de grande, de quasi insuperavel dificuldade para quem não bebeu o conhecimento da lingua com o leite materno. Um exemplo de entre milhares: de **pobre** fôrma-se o diminutivo **pobrete** que apresenta a idéia primitiva burlescamente diminuida; de **pobrete** deriva-se o augmentativo **pobretão** que mais ainda accentúa o ridiculo que já pesava sobre **pobrete**: de **pobretão** obtem-se o diminutivo **pobretãozinho** que vem a ajuntar ao ridiculo uma como lastima insultuosa. (RIBEIRO, 1881: 93, destaques do autor).*

Não obstante as importantes contribuições trazidas pela descrição que Júlio Ribeiro faz dos sufixos diminutivos, pode fazer-se-lhe uma crítica quanto ao fato de ele não apresentar a conceituação de (sufixo) diminutivo, isto é, não ter explicitado o que entende por (sufixo) diminutivo.

9 Observe que algumas dessas palavras apresentadas pelo autor como diminutivas não são formadas pelo acréscimo de sufixo diminutivo, mas pelo processo de abreviação vocabular.

Messias dos Santos Santana

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De tudo o que foi exposto ao longo deste texto, quando foram analisadas abordagens sobre o sufixo diminutivo em gramáticas da língua portuguesa publicadas nos séculos XVI, XVIII e XIX, algumas informações merecem ser ressaltadas, a título de considerações finais.

Primeiramente, é possível destacar que desde Fernão de Oliveira – cuja gramática foi a primeira a ser analisada aqui – até a gramática de Júlio Ribeiro, a última aqui analisada, houve um considerável aumento no espaço físico dedicado ao estudo do sufixo diminutivo, uma vez que se passa de algo em torno de um parágrafo para uma descrição desenvolvida ao longo de aproximadamente três páginas. E esse aumento foi ocorrendo gradualmente até segunda metade do século XIX, quando, nas gramáticas analisadas, já se passou a verificar um maior espaço dedicado ao tema.

Esse aumento no espaço físico, por sua vez, é uma consequência de outro fato que se pode destacar ao longo do material analisado: novas informações passam a ser consideradas no decorrer dos séculos nas descrições que se apresentam, em diversos aspectos, sejam relacionadas à forma do sufixo e sua relação com a palavra ou radical a que se liga, sejam com relação aos valores semânticos que esse sufixo pode exercer, sejam quanto ao local em que o tema passa a ser abordado, sejam quanto ao contexto em que são empregados.

No plano formal, por exemplo, a lista de sufixos diminutivos só aumenta com o passar dos anos, uma vez que diversos outros são identificados. Em todas as gramáticas, no entanto, o sufixo diminutivo *-inho* aparece como o mais produtivo, o que significa dizer que a preferência por seu emprego não se deu só em tempos recentes, mas ao longo de toda a história da língua portuguesa. Ainda quanto à forma do sufixo, passam a ser contemplados, por essas descrições ao longo do tempo, aspectos como a relação entre o sufixo e a palavra ou radical a que se liga, ou, ainda, o processo de flexão em gênero e número.

Quanto aos valores semânticos do diminutivo, além do valor de tamanho pequeno – o qual vem sendo apontado desde as primeiras gramáticas –, as gramáticas analisadas, com o passar dos séculos, atribuem-lhe valores outros, tais como carinho, desprezo, intensidade. Esse fato, por sua vez, pode ser considerado uma consequência de outro, o qual é a identificação de que outras classes de palavras podem receber esse sufixo, cujo emprego era, inicialmente, quase que restrito aos substantivos – havendo também emprego em verbos –, mas que, com o passar do tempo, começam a surgir exemplos de sufixos diminutivos em adjetivos.

Uma mudança importante na abordagem do sufixo diminutivo português pode ser percebida, também, a partir da publicação, em 1881, da *Grammatica Portuguesa*, de Júlio Ribeiro, com a qual esse tema passou a ser discutido não somente como sufixo formador de palavras, mas também como indicador de grau, o que até agora não havia ocorrido. A partir desse momento, no entanto, todas as demais gramáticas que serão produzidas passarão a abordar os diminutivos nessas duas perspectivas¹⁰.

10 São exemplos de gramáticos que assim procederam: Pereira (1907), Said ali (1923), Cunha & Cintra (1985¹/2001) e Bechara (1961¹/2009).

Morfologia e semântica dos sufixos diminutivos portugueses em gramáticas da língua portuguesa dos séculos XVI, XVIII E XIX

Diante do exposto, é possível concluir que o que hoje sabemos e dizemos sobre o emprego do sufixo diminutivo em português resulta não de uma sacada genial de um investigador iluminado, mas do acúmulo de informações transmitidas às gerações seguintes, num percurso que vem desde Fernão de Oliveira e João de Barros, no século XVI, até o momento em que nos encontramos.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, J. S. [1822¹] *Grammatica philosophica da lingua portugueza ou principios da grammatica geral applicados à nossa linguagem*. Lisboa: Academia Real das Sciencias, 1830.
- BARROS, J. de. *Grammatica da lingua portuguesa*. Olyssipone: Typographum Ludouicum Rotorigiũ, 1540.
- BASÍLIO, M. [2004¹] *Formação e classes de palavras em português do Brasil*. 3^a ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- BECHARA, E. [1961¹] *Moderna gramática portuguesa*. 37^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. [1985¹] *Nova gramática do português contemporâneo*. 3^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FONSECA, P. J. da. *Rudimentos da grammatica portugueza*. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1799.
- LYONS, J. *Introdução à linguística teórica*. São Paulo: Nacional, 1979.
- OLIVEIRA, F. de. [1536¹] *Gramática da linguagem portuguesa*. Introdução, leitura actualizada e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1975.
- PEREIRA, E. C. *Grammatica expositiva*. São Paulo: Weiszflog Irmãos, 1907.
- REIS LOBATO, A. J. [1721¹] *Arte da grammatica da lingua portugueza*. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1770.
- RIBEIRO, J. *Grammatica portugueza*. São Paulo: Jorge Seckler, 1881.
- RIO-TORTO, M. das G. O. S. *Formação de palavras em português: aspectos da construção de avaliativos*. v.2. Dissertação (Doutorado em Linguística). Coimbra: Universidade de Coimbra, 1993.
- ROBINS, R. H. *Pequena história da linguística*. Tradução Luiz Martins Monteiro de Barros. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico; Brasília: INL, 1979.
- SAID ALI, M. *Grammatica secundaria da lingua portugueza*. São Paulo: Melhoramentos, 1923.

Messias dos Santos Santana

MORPHOLOGY AND SEMANTICS OF THE DIMINUTIVE SUFFIXES IN GRAMMARS OF THE PORTUGUESE LANGUAGE OF THE 16TH, 18TH AND 19TH CENTURIES

Abstract: *Synchronic studies on the diminutive suffixes in portuguese language present a lot of such particles. However, few studies consider this theme in the diachronic perspective. Thus, this study offer a contribution to the diachronic study on the diminutive suffixes in portuguese, analyzing the approach on this theme, in grammars of the portuguese language of the 16th, 18th and 19th centuries.*

Keywords: *Morphology; Diminutives; Historical Morphology.*